

Prefácio

A Magia da Leitura 1

A maioria das crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura, sejam ou não disléxicas, apresentam défices em habilidades fonológicas, isto é, na utilização das representações da fala e/ou da escrita que se referem a aspetos da forma abstrata da pronúncia das palavras.

Na leitura, a identificação das palavras escritas constitui justamente uma componente essencial do processo de compreensão, e, sem a intervenção de tais representações fonológicas, ela não se faz ou então, em muitos casos, faz-se de maneira pouco precisa. Sabe-se que a aprendizagem e a prática da leitura conduzem ao estabelecimento na parte posterior do nosso cérebro, mais concretamente numa pequena área do giro fusiforme do hemisfério esquerdo, de um dispositivo capaz de identificar as palavras escritas. Sabe-se também que, nas crianças disléxicas, aquela área cerebral é insuficientemente ativada e este dispositivo funciona mal. Num importante trabalho científico, observou-se que um treino específico das habilidades fonológicas conduziu tanto a uma maior ativação daquela área como a uma melhor identificação das palavras escritas. Poderá então imaginar-se facilmente quão importantes são a fundamentação desse treino e a maneira como a teoria subjacente é concretamente realizada!

O Método Fonomímico elaborado por Paula Teles insere-se na perspetiva fonológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. Não tenho, é óbvio, competência para apreciar os detalhes do método, os quais resultam certamente de muitos anos de experiência na reeducação de crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura. Sendo um dos muitos investigadores que têm contribuído de uma ou outra maneira para o avanço da “ciência da leitura”, a que Paula Teles se refere, apenas posso registar aqui a minha grande satisfação por ter encontrado no “Método Fonomímico” ideias que me parecem justas e até incontornáveis como fundamento de um trabalho de reeducação eficaz da leitura com as crianças que apresentam défices fonológicos.

Partindo da letra, sinal gráfico elementar do alfabeto, a autora do Método Fonomímico prepara a criança, de imediato, ao corretivo necessário que consiste em privilegiar a relação mais abstrata entre grafema e fonema.

As variações físicas introduzidas na forma (e na cor) da letra, ou ainda por adição de diacrítico, constituem sinais das suas diferentes realizações segundo o contexto ou posição na palavra, o que abre o caminho à compreensão daquela relação abstrata.

Tais variações, por exemplo a da cor da vogal associada, em diferentes sílabas, a uma consoante invariável, são também suporte para o trabalho analítico de análise da sílaba nos seus fonemas.

Indispensável é também a ênfase atribuída à operação mental de fusão, primeiro de representações de fonemas para formar sílabas, depois das sílabas sucessivas para formar palavras.

Reconheço aqui o ensinamento de uma grande educadora e cientista, Isabelle Liberman, que sempre chamou a atenção para o fato de que instruir a criança na articulação aproximativa do correspondente fonémico da letra ou do grafema é insuficiente para a leitura. Esta tornou-se em nós, leitores, prática tão natural que esquecemos que ter pronunciado “guê” e “a” não conduz a ler “ga” mas “gue-a”, qualquer que seja a rapidez da reunião. A sílaba não são fonemas adjacentes, ela resulta de uma operação de fusão ou integração que tem de ser descoberta pelo aprendiz de leitor com ajuda adequada por parte do professor ou reeducador.

Outro aspeto muito interessante deste Método é a insistência na aprendizagem da ortografia correta das palavras sendo estas tomadas como entidades isoladas, fora do contexto significativo. Esta escolha é coerente com muitos resultados de trabalhos experimentais recentes que mostram que a ortografia precisa da palavra é mais difícil de reter quando a atenção que lhe deve ser dedicada é desviada para conteúdos semânticos. Estes são naturalmente importantes, mas devem ser objeto privilegiado de outros momentos da atividade de leitura.

Finalmente, a preocupação com a escrita manual cursiva e com a realização motora da escrita através da caligrafia associando esta à competência ortográfica é um aspeto do Método que pode parecer desusado e que, na realidade, não o é visto que estudos recentes têm começado a mostrar o papel da atividade manual, grafomotora, do aprendiz na aprendizagem e na consolidação das representações ortográficas. O curioso neologismo de “Caliorografia”, utilizado por Paula Teles e associado a “Leitura” no título deste livro revela-se inteiramente pertinente se atentarmos nas relações e conexões que se estabelecem na mente da criança que aprende a ler e escrever.

Bruxelas, 17 de outubro de 2007.

José Morais

Professor da Université Libré de Bruxelles (ULB)